

MST mobiliza a sociedade

Na PUC, exposição e ato marcam solidariedade da comunidade aos sem-terra

Dia 17, foi realizado um grande ato contra o governo de FHC, em Brasília, como parte das atividades de encerramento da Marcha Nacional pela Reforma Agrária, Emprego e Justiça, organizada pelo MST. Cerca de 100 mil trabalhadores, entre eles, sem-terra, operários, bancários, funcionários públicos, e outros segmentos da sociedade se reuniram durante o dia de protesto. Foi a maior manifestação contra o neoliberalismo já realizada no país e o maior movimento pela reforma agrária de nossa história.

Na sexta, dia 18, foi realizado um encontro do MST com FHC. Nela, o presidente ouviu o que toda a população quer: reforma agrária já e a disposição do MST em realizá-la na prática.

MANIFESTAÇÕES NA PUC

A PUC marcou presença nas manifestações. A biblioteca sediou a exposição do fotógrafo Sebastião Salgado, que apresentou cerca de 50 trabalhos onde eram retratadas as condições de vida e trabalho dos sem-terra brasileiros. As fotos foram editadas num livro com textos do escritor português José Saramago, acompanhado de um CD com músicas de Chico Buarque e Milton Nascimento.

O encerramento da concorrida exposição foi marcado por um debate, organizado pelo Comitê Contra a Opressão Social da PUC, onde marcaram presença o professor Ariovaldo de Oliveira, da USP, João Nélio Magalhães e Cesar Lourenço, coordenadores do Núcleo São Paulo do MST,

além do professor Erson Martins de Oliveira, professor da PUC e coordenador do Comitê Contra a Opressão.

As exposições dos debatedores foram marcadas pela apresentação de informações que raras vezes são veiculadas pela imprensa. João Nélio Magalhães fez um apanhado das lutas históricas dos trabalhadores rurais brasileiros nas últimas décadas, privilegiando o trabalho desenvolvido pelas Ligas Camponesas e o posterior aparecimento do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra, a partir de 1984. Nélio lembrou as críticas que o MST faz ao governo Fernando Henrique, principalmente pelo não cumprimento das metas prometidas em campanha e pela falta de uma política agrária definida.

Já o professor Ariovaldo de Oliveira, apoiado por uma quantidade razoável de dados sobre a questão agrária brasileira, lembrou que se projetados para hoje os dados levantados pelo último censo agrícola, poderemos afirmar que entre 60 e 70% das terras brasileiras não são utilizadas produtivamente. Também o número de trabalhadores que potencialmente poderiam ser beneficiados por uma reforma agrária

estaria entre 30 e 40 milhões.

ASSASSINATOS E IMPUNIDADE

O professor lembrou que entre 1964 e 1997 já foram assassinados no campo perto de 2200 trabalhadores, sendo que 110 só no governo FHC. A repressão hoje exercida sobre os sem-terra é qualitativamente diferente daquela que vinha sendo praticada até então. A impunidade daqueles que atacam o MST é absoluta e a imprensa e boa parte dos partidos políticos atacam o movimento sem ter conhecimento suficiente de suas lutas.

No caso dos assentamentos que são vendidos pelos sem-terra, prato cheio para a grande imprensa, Ariovaldo salienta que somente 15% desses assentados passou para frente as suas terras e, mesmo assim, por não terem condições materiais para torná-las produtivas.

No ato aconteceram várias manifestações de trabalhadores sem-terra, além de intervenções de correntes políticas que apoiaram as suas lutas. Finalizando as discussões, os participantes cantaram o hino do MST.



TESES

Cor, corpo & cultura: interferência biofísica na percepção visual por Luciano Guimarães, mestrado em Comunicação e Semiótica. Dia 22/04, 9h, sala 418.

Alunos trabalhadores do curso noturno: histórias que aprendem a contar por Marli da Silva Gomes, mestrado em Serviço Social. Dia 22/04, 14h, sala 418.

As associações como forma de organização de pequenos produtores: um mecanismo controverso (um estudo sobre as associações de pequenos produtores na região do Vale do Ribeira) por Neide Maria de Souza Angelo Abatayguara, mestrado em Serviço Social. Dia 23/04, 9h, sala 418.

O prazer fonoaudiológico em uma instituição para o atendimento à pessoa com deficiência mental - um estudo de caso por Jacqueline Carmo Gandara G. Cavalcanti, mestrado em Educação e distúrbios da Comunicação. Dia 23/04, 11h, sala 419.

Parque Estadual de Ilhabela e comunidades tradicionais: uma contribuição de estudo das unidades de conservação por

Gil Carlo Bindi, mestrado em Ciências Sociais. Dia 23/04 14h, sala 419.

A execução hipotecária no código de processo civil por Aline Araújo Passos mestrado em Direito. Dia 23/04 17h, sala 418.

Práticas e representações sociais de um bairro da periferia - os elementos centrais e periféricos do campo representacional por Celso Zonta, doutorado em Psicologia Social. Dia 24/04 10h, sala 418

Grupos e intervenções grupais: concepções, relações e implicações na perspectiva de profissionais que trabalham com grupos por Erico Renteria Pérez, mestrado em Psicologia Social. Dia 25/04, 13h, sala 418.

A supremacia da constituição por Oswaldo Luiz Palu, mestrado em Direito. Dia 28/04, 10h, sala 418.

A palavra e a cor na literatura de Ziraldo - por uma leitura intersemiótica por Jacqueline Lara Justo de Pinho, mestrado em Comunicação e Semiótica. Dia 28/04, 14h, sala 418.

Razão e emoção: um estudo sobre as práticas do psicólogo na organização familiar por Cristiane Vercesi Cruciol, mestrado em Psicologia Social. Dia 28/04, 17h, sala 419.

Da arrematação por Vitor Dias Girelli, mestrado em Direito. Dia 28/04, 17h, sala 418.

ESPAÇO EDUC

A editora escolhida para ocupar o espaço no térreo, entre os dias 22 e 25 de abril, será a Martins Fontes. Já no primeiro andar a editora que ocupará o espaço será a Scritta. Como sempre, os livros de ambas editoras estarão sendo vendidos com um saboroso desconto de 30%.

CURSOS/COGEE

A PUC-SP via Cogee promove a partir do dia 6 de maio, o curso "Desenvolvimento de Componentes Veiculares com Ciclo Reduzido". O curso está dividido em três atividades básicas:

- Instrumentalização e aquisição de dados e apresentação de material teórico para discussão;
- Fundamento da fadiga de materiais;
- Programas de análise de fadiga e simulação por meio de computadores.

As aulas práticas serão ministradas em laboratórios de Física e de Computação. Maiores informações na Cogee.

Ato contra a privatização da Vale do Rio Doce

No próximo dia 24, às 19h30, no Tuca, acontecerá uma manifestação de repúdio ao leilão da Companhia Vale do Rio Doce, que o governo Fernando Henrique Cardoso pretende levar a cabo no dia 29 de abril (leia matéria nesta edição na sessão "Opinião").

O ato está sendo orga-

nizado pela AFAPUC, APROPUC, APG e vários centros acadêmicos da PUC. Serão convidadas pessoas representativas da sociedade, entidades sindicais e os signatários do Manifesto à Nação, documento subscrito por diversos advogados filiados à OAB, entre eles vários professores da PUC.

O ato que as associações pretendem realizar deve extrapolar os limites do protesto contra a privatização da Vale, mas adquirir também um caráter de protesto contra as várias situações arbitrárias que acontecem no país, fruto dos descaminhos neoliberais que o país vem trilhando

PRECATÓRIOS

CarnaPitta marca participação política de estudantes

Comparecimento moderado dos estudantes (cerca de 600 pessoas no auge da manifestação), alguma confusão dentro da Câmara Municipal, uma razoável repercussão na mídia e uma boa dose de pressão contra os vereadores à idéia da instauração de uma CPI dos Precatórios em São Paulo — eis o balanço final do CarnaPitta. A passeata do dia 15/04, vinda do câmpus Marquês de Paranaguá, chegou à Câmara dos Vereadores

e entregou à presidência da Casa um abaixo-assinado com aproximadamente três mil assinaturas exigindo a imediata instauração de uma Comissão Parlamentar de Inquérito para a apuração das responsabilidades no escândalo dos Precatórios, cujo início se deu precisamente na cidade de São Paulo, à época em que o atual prefeito Celso Pitta era secretário de finanças do Município.

Apesar de a mobilização

não ter sido a esperada, os Centros Acadêmicos de nossa universidade, que organizaram o CarnaPitta em conjunto com outros CAs da USP e do Mackenzie, estão satisfeitos com os resultados. "Nós, estudantes, somos um segmento importante da sociedade e formadores de opinião. Temos o dever de nos manifestar sempre que a situação política ou econômica assim o exigir", afirma Aninha Bonilha, do CA Psico

Privatização, entreguismo e ignorância. Quem ganha com a venda da Vale?

René dos Santos Vieira

Agora é a Vale.

Depois será a Telebrás, Eletrobrás e a Petrobrás.

O que você acha disso ?

Enquanto discutimos, discutimos e discutimos... as coisas acontecem rapidamente, sem que a sociedade ofereça uma resistência capaz de impedir a entrega de nossas empresas, que não pertencem a essa *turma* que está dilapidando o patrimônio público. Essa *turma* tem um grande apoio da mídia e do capital internacional e opera como um tractor: corrompendo, passando por cima e desqualificando os cidadãos ou grupos que se opõem à negociata.

Uma grande frente composta por políticos de esquerda e nacionalistas, intelectuais, sindicalistas, membros do clero e da sociedade civil em geral está se articulando, apesar das adversidades, para impedir a expropriação. Por sermos contra as propostas indecorosas desta *turma*, somos chamados de atrasados, corporativistas e dinossauros.

A história vai provar quem tem razão!

O Não são apenas os discursos acadêmicos em defesa da privatização ou não privatização das estatais brasileiras, que irão delimitar a problemática. Porque, acima de tudo, trata-se de um caso de polícia e não de uma discussão econômica e política sobre o futuro do Brasil ou melhor dizendo, um modelo de desenvolvimento econômico para o Brasil.

PO que está em jogo é uma questão muito maior do que qualquer processo de privatização. O processo de venda das estatais brasileiras, assim como o da Vale é obscuro e apenas alguns ganharão com ele.

O que é a Vale do Rio Doce ?

NA Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) é um conglomerado altamente lucrativo, que não depende de recursos do Tesouro Nacional, formado por 54 empresas (próprias, controladas ou coligadas), quase todas de grande porte, que interagem com a agricultura, a

indústria, o transporte, o comércio exterior e o sistema nacional de pesquisa científica e tecnológica.

Das dez maiores empresas exportadoras brasileiras, cinco pertencem ao sistema CVRD, líder no mercado mundial de minérios de ferro e maior produtor de alumínio e ouro da América Latina.

A CVRD recebeu da União, por tempo indeterminado, concessões que somam hoje 16 milhões de hectares, ou quatro vezes o território do Rio de Janeiro, em áreas selecionadas por seu potencial mineral. Parte significativa de tais concessões concentra-se na Amazônia.

A CVRD é quem melhor conhece o nosso subsolo e lida basicamente com recursos não renováveis. Tem direitos minerários sobre reservas comprovadas de 41 bilhões de toneladas de minério de ferro, 994 milhões/toneladas de minério de cobre, 678 milhões/toneladas de bauxita, 67 milhões/ toneladas de caulim, 72 milhões/toneladas de manganês, 70 milhões/toneladas de níquel, 122 milhões/toneladas de potássio, 9 milhões/toneladas de zinco, 1,8 milhão/ toneladas de urânio, 1 milhão/toneladas de titânio, 510 mil/toneladas de tungstênio, 60 mil/toneladas de nióbio e 563/toneladas de ouro.

A CVRD possui e opera portos de grandes dimensões, a maior frota de navios graneleiros do mundo e 1.800 km das mais modernas ferrovias brasileiras, por onde trafegam 2 milhões de passageiros/ano e 64% da carga transportada por trens no país.

A CVRD dispõe de 580 mil hectares de florestas comerciais, replantadas, de onde extraía matéria-prima para a produção de 400 mil ton/ano de papel e celulose, em unidades próprias.

A CVRD tem uma receita bruta anual da

**CONTINUA NA PÁGINA
AO LADO**

